



As Praças-fortes na costa de Marrocos e localização dos principais eventos militares

A ocupação da costa marroquina processou-se em diferentes etapas e assumiu formas diversas ao nível do seu modelo, fruto das condições geopolíticas e das características do povoamento do território. Foi criada uma rede de praças-fortes, cidades conquistadas, cidadelas e fortalezas, que garantiram a supremacia estratégica portuguesa no Mar dos Algarves e asseguraram a segurança da circulação dos navios comerciais que traziam os escravos, o ouro e as especiarias a partir do Atlântico Sul. Mas a rede não era contínua, constituindo-se em duas áreas distintas, entre as quais se situava uma zona controlada por várias bases de corsários, que garantiam a Marrocos o acesso ao mar e mantinham viva a guerra do corso e a ameaça permanente à navegação e à segurança da costa de Portugal.

A presença portuguesa em Marrocos acontece num período de grandes transformações. A substituição das armas de propulsão mecânica pelas armas de propulsão através da pólvora altera os conceitos e as características das fortificações, adaptando-se a novos desafios. A ocupação das cidades e criação de cidadelas obriga a um planeamento e racionalização das estruturas urbanas, desenvolvendo-se operações urbanísticas antecessoras do urbanismo colonial. Marrocos foi um laboratório onde vários conceitos teóricos foram colocados em prática e os portugueses deram um importante contributo para o desenvolvimento da arquitectura militar e do urbanismo moderno.

Foram implementadas estratégias para assegurar uma ocupação num território hostil, com recurso a meios diminutos, facto que garantiu uma presença prolongada num terreno extremamente adverso. São exemplo a construção dos atalhos para reduzir a área das cidades e torná-las governáveis, das couraças para assegurar o controlo das frentes ribeirinhas e permitir os abastecimentos e o auxílio militar, ou a estruturação dos terrenos extramuros com elementos de carácter precário, combinada com procedimentos rotineiros de vigilância que permitiam uma saída fora de portas para tarefas básicas de sobrevivência, como a apanha de lenha, a caça, a pastagem do gado e uma agricultura de subsistência.

ASILAH . ARZILA



A Frente de Mar e a Torre de Menagem



Após a sua conquista, a área da cidade de Arzila foi reduzida em cerca de 60%, com a construção de um muro de atalho que a dividiu em duas, demolindo-se as construções da área que os portugueses não ocuparam. As estruturas defensivas foram reformuladas pelos mestres Francisco Danzilho e Diogo Boitaca, com destaque para a fortificação da frente de mar, onde foram construídos a Couraça e Baluarte da Couraça, o Baluarte de S. Francisco e o Baluarte da Pata da Aranha, estruturas que se projectavam sobre o mar, garantindo o controlo da praia e assegurando as imprescindíveis operações navais de logística.

O Castelo foi dotado de uma Torre de Menagem que recebia os alertas das atalhas do Campo Exterior, e tocava a rebate em caso de perigo chamando os habitantes para dentro de portas.

Com a operação urbanística levada a cabo após as destruições do cerco de 1508, foi criada uma área de estrutura reticulada, racionalizando o traçado dos quarteirões e dos arruamentos, estruturação assente na Rua Direita, que ligava a Porta do Mar à Porta da Vila.

KSAR EL KEBIR . ALCACER QUIBIR



O campo da Batalha de Alcácer Quibir e os vestígios do Memorial ao Rei D. Sebastião

A visita ao campo da Batalha de Alcácer Quibir, situado nas proximidades do lugar de Douar Souaken, permitirá entender a forma como se processou esse trágico acontecimento. No local existem o Memorial da Batalha, o Memorial do Rei Mulai Abdelmalek e os vestígios do Memorial ao Rei D. Sebastião. Na cidade de Ksar El Kebir será interessante visitar a casa do alcaide Ibrahim Soufiani, onde, segundo Sebastian de Mesa, o corpo do rei português esteve sepultado cinco semanas à guarda do fidalgo Belchior do Amaral.

Batalha de Alcácer Quibir. Gravura de Hans Rogel, Augsburg, 1578



EL JADIDA . MAZAGÃO

A Cidadela vista do Baluarte do Anjo



A Cidadela de Mazagão teve a sua génese no Castelo Real de S. Jorge de Mazagão, no interior do qual se localiza a famosa Cisterna Manuelina. Projecto inovador de Benedetto da Ravena, que colocou em prática os princípios da arquitectura militar do Renascimento, a fortaleza assume-se como uma máquina de guerra inviolável, com os seus baluartes em cunha, os seus muros quebrados para aumentar os ângulos de tiro, as suas canhoneiras laterais para disparo de tiro rasante.

Pensada para ser uma estrutura autosuficiente, com o seu traçado reticulado, colocando no terreno de forma racional as funções necessárias à sua sobrevivência, manteve-se em mãos portuguesas até ao ano de 1769, quando foi evacuada.

Os seus habitantes constituíam uma comunidade isolada e guerreira: “Não havia espaço que não estivesse cheio de recordações: uma pedra, a esquina de uma rua, um largo. Os Mazaganistas formavam um corpo com seus muros. Defendê-los era a sua razão de viver e de esperar. Muitos deles não imaginavam qualquer destino fora dos muros da fortaleza.” (Laurent Vidal)

AZEMMOUR . AZAMOR

Os baluartes de S. Cristóvão e do Raio



Azamor foi outra das cidades atalhadas após a sua conquista.

Foi objecto de importantes obras de fortificação levadas a cabo pelos irmãos Diogo e Francisco de Arruda. Contém elementos interessantíssimos da chamada arquitectura da transição, que aliam às inovações que a pirobalística impunha, um sentido estético excepcional. Os baluartes de S. Cristóvão e do Raio são exemplos dessa arquitectura, com as suas canhoneiras a vários níveis, combinadas com troneiras e impressionantes aberturas para tiro mergulhante.

A cidade foi objecto de uma operação de “arruar” que Simão Correia implementou, criando uma estrutura reticulada, que após o seu abandono em 1542 foi adaptada ao modo de vida marroquino, com a introdução de impasses em vários arruamentos.

Foi um importante centro de comércio de produtos de várias proveniências e o principal mercado de escravos português em Marrocos.